

A TRANSFORMAÇÃO DE TERRITÓRIOS E MARETÓRIOS PELA GERAÇÃO CIDADÃ DE DADOS



BIANCA BARBOSA . Observatório do Marajó



MARCOS RONIELLY . Instituto Federal do Pará – Tucuruí



MATHEUS ADAMS . Coletivo Cuíra



RODRIGO FIRMINO . JararacaLab, LAVITS, PUCPR

lavits



Rede Latino-Americana de
Estudos sobre Vigilância,
Tecnologia e Sociedade

CODA Amazônia 2024 . Belém . Marajó

data
labejararaca
LABORATÓRIO DE TECNOPOLÍTICAS URBANAS

ATIVISMOS DIGITAIS E GERAÇÃO CIDADÃ DE DADOS EM TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS

Autores: Rodrigo José Firmão, PhD, Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Coordenador do Jararaca: Laboratório de Tecnopolíticas Urbanas; Gilberto Vieira, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana, Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Pesquisador do Jararaca: Laboratório de Tecnopolíticas Urbanas; Paulo Nascimento Neto, PhD, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Gestão Urbana, Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Design e diagramação: Arq. Mg. Naiara Yumiko, UCL

A América Latina e Caribe (ALC) é a região mais desigual do mundo (PNUD, 2019), na qual um terço da população vive em situação de pobreza. Os bairros populares em que residem estas populações são marcados por estigmas propagados pelo Estado e pela mídia tradicional, relacionados a regimes de visibilidade (da violência, da precariedade, da ilegalidade) e invisibilidade (da criatividade, do espírito comunitário, dos diferentes corpos). Esses regimes são alimentados por assimetrias sobre como os territórios periféricos são conhecidos pelos dados coletados pelos governos e corporações. Dados são partes essenciais de arranjos tecnopolíticos construídos para a gestão das cidades, de serviços públicos à grandes infraestruturas urbanas. Ao deslocar a centralidade de produção destes dados, este Policy Brief oferece informações e recomendações sobre como a **Geração Cidadã de Dados (GCD) pode incluir a população de territórios periféricos na arena da gestão urbana** a partir da politização de tecnologias urbanas via ativismo digital.

Com base nos resultados do projeto GREAT, esta série de Policy Briefs apresenta ideias, experiências e recomendações com o objetivo de contribuir para a melhoria da qualidade de vida nos bairros populares. As linhas temáticas abordadas incluem a melhoria integral do habitat, mobilidade e gestão integrada de resíduos sólidos por meio de iniciativas de Lixo Zero. Esses documentos são direcionados a tomadores de decisão, organizações do terceiro setor, organizações de base comunitária, professores e estudantes universitários, pesquisadores e consultores interessados em promover um futuro urbano mais justo e equitativo.

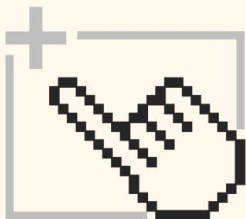
GREAT
Griding Equitable Urban
Future in Areas of Transitiondpu
Development
Planning Unit

Situar o conceito e relacioná-lo a algumas ações concretas na América Latina, além de oferecer algumas recomendações para a geração cidadã de dados como política pública em territórios periféricos.



<https://bit.ly/3xDoR6H>

O QUE É A GERAÇÃO CIDADÃ DE DADOS (GCD)?



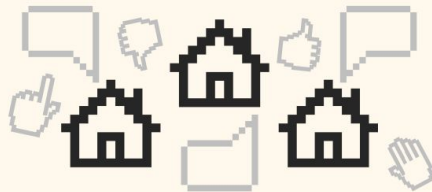
Coleta, produção, tratamento e uso de dados sobre a realidade urbana configuram um conjunto de atividades que são, em essência, um processo político. A partir do momento em que se decide quais dados importam (e quais não importam) para a tomada de decisões e a formação da agenda pública, a não neutralidade mostra-se patente, ultrapassando a noção de mera atividade técnica de estatística de dados.



É PRECISO POLITIZAR OS DADOS!

Os territórios periféricos, comumente excluídos das mesas de decisão sobre políticas públicas urbanas, precisam ser conhecidos pelos dados que podem produzir e que revelam seus modos de vida, seus problemas e potencialidades na construção de cidades mais justas e igualitárias. Assim, é preciso politizar os dados com vistas a envolver as pessoas afetadas por projetos ou ações que consideram determinados dados na sua coleta e utilização. É preciso visibilizar realidades a partir das quais os dados são produzidos.

A este processo de construção tecnopolítica dos dados dá-se o nome de “Geração Cidadã de Dados – GCD” (Meijer e Pojter, 2018; Santiago, 2022), em que moradores e usuários de um determinado território são convocados a participar da coleta e uso dos dados sobre esses mesmos territórios, para posterior formação de reivindicações e sugestões de políticas públicas que os afetam diretamente. Pensar a geração cidadã de dados significa considerar os cidadãos de bairros populares como coprodutores de suas próprias realidades, não apenas pela resistência aos problemas e opressão cotidianas, mas também como conhecedores de suas possibilidades e produtores de futuro.



A produção de dados determina políticas públicas, prioridades de acesso, e a própria existência de populações nos territórios urbanos. A falta de dados consolidados sobre territórios periféricos é um problema histórico na ALC, o que reflete a maneira de fazer política nestas localidades. Um exemplo é o censo demográfico brasileiro de 2010, que estimava uma população de 69 mil habitantes na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro, enquanto as entidades locais apontavam para um número equivalente ao dobro deste patamar (Tabak, 2011). Ou seja, os dados oficiais, subsídio central para as decisões sobre a cidade, desconsideravam milhares de pessoas, não contabilizadas e, por conseguinte, invisibilizadas. Nesse contexto, a Geração Cidadã de Dados coloca-se como instrumento complementar às formas tradicionais de construção de dados sobre a população, trazendo para o centro dos projetos urbanos aqueles que experimentam cotidianamente seus territórios.

A GCD, contudo, não é comumente estimulada pelo Estado. Ela acontece a partir de movimentos orgânicos das próprias comunidades. Em um movimento crescente na ALC, vários coletivos ativistas e ONGs organizam suas ações de solidariedade e lutas por direitos fundamentais, a partir da produção de dados em processos de coprodução com as comunidades envolvidas. Essas iniciativas estão ligadas a lutas históricas de um ativismo de sobrevivência e por uma necessidade de fazer valer — muitas vezes “hackeando” redes e sistemas de infraestrutura — o direito de todos à cidade.



RECOMENDAÇÕES

PARA A GERAÇÃO CIDADÃ DE DADOS COMO POLÍTICA PÚBLICA EM TERRITÓRIOS PERIFÉRICOS

1

Incorporar a Geração Cidadã de Dados (GCD) como parte constituinte da formação da agenda pública, contribuindo com os processos de tomada de decisão e a formulação de políticas urbanas e socioculturais direcionadas para bairros populares. Enquanto ferramenta metodológica, a GCD contribui para se avançar para além das ações convencionais de melhoramento urbano, subsidiando projetos aderentes à realidade e expectativas de seus moradores.

2

Reconhecer os dados gerados de forma cidadã e comunitária em diferentes momentos da formulação de políticas públicas para favelas e periferias, com o objetivo de ampliar a participação e o pertencimento das populações afetadas pelas políticas.

3

Promover projetos de GCD em bairros populares nos quais políticas públicas estejam sendo elaboradas ou implementadas. Esses projetos devem ser realizados em conjunto com organizações locais e com previsão de recursos para processos formativos e educacionais sobre as técnicas de GCD e os temas abordados.

4

Fomentar a participação de moradores de favelas na elaboração de estratégias de levantamento de dados oficiais para fins de políticas públicas, garantindo a presença plena desses territórios nos processos de coleta e análise de dados.

5

Diversificar as equipes responsáveis por analisar os dados disponibilizados por centros de pesquisa, implicando no reconhecimento pelo Estado das assimetrias nas metodologias de coleta e análise de dados para fins de políticas públicas.

6

Estabelecer parcerias com grupos de ativistas digitais e de dados de territórios periféricos no sentido de incorporar suas vozes e experiências na formulação e gestão de políticas públicas, notadamente naquelas relacionadas à denúncia de violação de direitos e de conscientização sobre produção política de tecnologias e infraestruturas urbanas ou, em outras palavras, das tecnopolíticas urbanas.

MANIFESTO

GERAÇÃO

CIDADÃ
de DADOS

Rede Geração Cidadã de Dados:
Casa Fluminense, data_labe, Observatório de
Favelas, Fogo Cruzado, LabJaca e Dicionário Marielle
Franco.

Esse grupo produziu, em 2023, o Manifesto Geração
Cidadã de Dados.



<https://bit.ly/4bjGndS>

Como territórios/maretórios estão sendo transformados (pensados, vividos, problematizados e disputados) pelo trabalho com dados produzidos localmente?

Refletir sobre o enfrentamento, a partir de perspectivas diversas, a novos colonialismos, reconhecendo que as tecnologias usadas para tomar decisões tecnopolíticas, especialmente na região amazônica, revelam uma disputa em curso.